



FRITZ KUNZ

da Universidade de Yale; Kirtley Mather, de Harvard; Donald Hatch Andrews, da Johns Hopkins; e muitos outros, que debatiam essas idéias em conferências, palestras e seminários ali organizados. Em 1940, Kunz fundou um periódico, *Main Currents in Modern Thought*, que, juntamente com Emily Sellon, editou por várias décadas. A publicação provocaria um impacto decisivo, embora sem alarde, na cultura americana, por um espaço de mais de trinta anos. Seu objetivo, resumido no cabeçalho, era "promover a livre associação daqueles que trabalham conjuntamente para integrar a soma do conhecimento através do estudo da totalidade das coisas: natureza, homem e sociedade, considerando o universo uno, verossímil, inteligível, harmonioso".

O *Main Currents* conquistou colaboradores de primeira grandeza, muitos dos quais trabalhavam nas fronteiras de seus campos de conhecimento: Heisenberg, Von Weizsäcker, Eugene Wigner, H. S. Burr, Buckminster Fuller, Von Bertalanffy, Dobzhansky, G. C. Amstutz, Jean Gebser, Jean Charon, Stockhausen, Adolph Portmann, Lancelot L. Whyte, Gardiner Murphy, William Irwing Thompson e, é claro, Margenau, Northrop e o núcleo do grupo. Em 1972, o jornal publicou um artigo de um jovem físico desconhecido, Fritjof Capra, extraído de um livro publicado posteriormente, *The tao of physics*<sup>1</sup>.

Após a suspensão da publicação do *Main Currents* em 1975, um jovem biofísico chamado Ken Wilber fundou o *ReVision Journal* (1977), nos moldes do *Main Currents*, mas com a perspectiva ímpar e os formidáveis talentos de seu novo editor-chefe. É uma das pessoas a quem desejo agradecer. Mostrou-se editor competente, e nosso relacionamento profissional foi harmonioso durante os sete anos em que publiquei entrevistas no *ReVision*. Mesmo quando discordávamos, Wilber apoiava meu trabalho, e seus brilhantes desafios com respeito às relações entre ciência e misticismo não raro me obrigaram a rever minha posição, processo do qual invariavelmente me beneficiei. Trabalhar com Rachel Gaffney, que sucedeu a Wilber na função de editor, constituiu-se num prazer duradouro.

Uma palavra a respeito dos diálogos deste livro. Seis deles (e o meu próprio ensaio) são inéditos; outros seis apareceram originalmente no *ReVision Journal*. Foram redimensionados, remontados e, às vezes, receberam novos títulos

<sup>1</sup> O tao da física, Ed. Cultrix, São Paulo, 1987, 3.ª ed.